



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 34 – maio de 2025

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2025i34p120-137>

**Literatura lusófona contemporânea: confluências do estético, do social
e do material**

**Contemporary lusophone literature: confluences of the aesthetic, the
social and the material**

*Ana Lúcia Trevisan¹
Luana Della-Flora^{**}*

RESUMO

O presente trabalho parte de uma compreensão da literatura como fato social, além de estético e material, para examinar o lugar e a função da literatura de autoria feminina negra contemporânea no universo literário lusófono. Articulando as reflexões da teoria dos polissistemas de Itamar Even-Zohar (2017) e os conceitos de visibilidade, legibilidade e materialidade de Ana Gallego Cuiñas (2022), observa-se os percursos literários e históricos da moçambicana Paulina Chiziane, da brasileira Conceição Evaristo e da angolana Djaimilia Pereira de Almeida, no intuito de compreender as confluências entre produção, circulação e recepção crítica dessas autoras, considerando seus lugares de origem e as heranças que carregam e representam. Conclui-se que suas trajetórias contribuem para a movimentação de um patrimônio cultural lusófono, ocupando territórios literários importantes, ao mesmo tempo em que se questiona a manutenção do poder das esferas de legitimação da lusofonia.

PALAVRAS-CHAVE: Cânone literário; Visibilidade, legibilidade e materialidade; Paulina Chiziane; Conceição Evaristo; Djaimilia Pereira de Almeida

ABSTRACT

This paper starts from an understanding of literature as a social fact, as well as an aesthetic and material one, to examine the place and function of contemporary black women's literature in the Lusophone literary universe. By articulating the reflections of Itamar Even-Zohar's (2017) theory of polysystems and Ana Gallego Cuiñas' (2022) concepts of visibility, legibility and materiality, we look at the literary and historical journeys of Mozambican Paulina Chiziane, Brazilian Conceição Evaristo and Angolan Djaimilia Pereira de Almeida, to understand the confluences between the production, circulation

¹ Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM; Centro de Comunicação e Letras; Programa de Pós-graduação em Letras – São Paulo – SP – Brasil – ana.trevisan@mackenzie.br

^{**} Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM; Centro de Comunicação e Letras; Programa de Pós-graduação em Letras – São Paulo – SP – Brasil – dellafloralu@gmail.com



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 34 – maio de 2025

and critical reception of these authors, considering their places of origin and the legacies they carry and represent. We conclude that their trajectories contribute to the movement of a Lusophone cultural heritage, which occupies important literary territories, while at the same time question the maintenance of the power of the legitimizing spheres of Lusophony.

KEYWORDS: Literary canon; Visibility, legibility and materiality; Paulina Chiziane; Conceição Evaristo; Djaimilia Pereira de Almeida

Pensar a literatura em língua portuguesa sempre exigiu considerar diversos movimentos, dos histórico-geográficos aos discursivos, uma vez que a própria ideia de lusofonia aponta para significados distintos, amparados por imaginários múltiplos. Além disso, na contemporaneidade, outros fluxos se juntam a essa discussão, dado nosso atual período, marcado por relações, trocas e influências de toda ordem, sustentadas por estruturas tecnológicas e comunicacionais em constante expansão. Isso significa não apenas que “[...] o espaço cultural da lusofonia é um espaço necessariamente fragmentado” (Martins, 2006, p. 81), mas também que tal fragmentação se constitui como o oposto do isolamento: são partes em contato.

Diante do imparável processo da globalização cosmopolita, que pela economia e pela tecnologia se erguem diante de nós, deslocalizando-nos, desfazendo fronteiras, diluindo memórias, virtualizando paisagens, aquilo que motiva a lusofonia como coisa sua é a globalização multiculturalista, dentro de áreas culturais específicas, uma globalização paradoxalmente regionalista, que se alimenta de um imaginário de territórios, memórias e paisagens vivos e concretos (Martins, 2006, p. 83).

Essa mesma diversidade já foi utilizada – e, por vezes, ainda é – como argumento de recusa à ideia de lusofonia com base em fundamentos etimológicos, em heranças lusotropicalis, em legados e traumas coloniais etc. No entanto, sabe-se bem que a língua, como código vivo e implicado nas realidades sociais, se movimenta e se transforma junto com seu uso, daí a reivindicação de um significado outro para a lusofonia – cujo centro não está alocado na matriz portuguesa –, isto é, uma lusofonia constituída por muitas partes em contato e com “[...] centros em toda a parte” (Brito, 2017, p. 1045), que abrange uma realidade cultural e linguística heterogênea, nem por isso menos complexa ou livre de influências das instâncias de poder historicamente estabelecidas.

Desse contexto multifacetado, multicultural e, por que não dizer, em disputa, surge uma literatura igualmente múltipla, afinal,

A literatura consegue recortar o mundo e transformá-lo em composições textuais distintas, tal qual um caleidoscópio de imagens e sentidos reflexivos que traduzem tanto a cultura quanto a historicidade. Os textos literários podem ser impactantes por diferentes razões, no entanto, muito do encanto imanente à leitura literária reside, justamente, na sua forma ao mesmo tempo precisa e difusa para tecer, no plano expressivo da linguagem, os muitos diálogos históricos e culturais (Trevisan, 2019, p. 10).

Daí que uma abordagem possível dos estudos literários pode centrar-se no exame dos contextos socioeconômicos que envolvem as produções literárias – em forma de legitimação, autorização ou silenciamento. Como estuda Gisèle Sapiro (2016), a literatura mantém relações com diferentes esferas de poder, tais como a política, a econômica e a religiosa, explicitando, assim, certas posições hierárquicas complexas, imanentes a tais esferas, que incidem na produção e na circulação do objeto literário. Do mesmo modo, as instituições legitimadoras, tais como os espaços da recepção crítica postulados ou não pela academia, os prêmios literários e, na atualidade, a dinâmica dos festivais literários e das redes sociais, bem como o engajamento social dos escritores e suas formas de organização profissional, movimentam direta ou indiretamente o mundo das Letras e da literatura.

Quando refletimos sobre os distintos contextos de produção das obras literárias, é possível constatar que tanto a censura como as políticas de apoio à criação literária, ou à publicação de livros e gêneros literários específicos, revelam as relações que a esfera do poder político pode exercer na literatura. Os regimes políticos e seus enquadramentos ideológicos podem atuar no controle das publicações ou na sua ampla circulação e, conseqüentemente, na atuação profissional do escritor. Poder-se-ia destacar, nesse sentido, que as ações das esferas extraliterárias, como no caso de espaços políticos regidos pela censura, podem fomentar o surgimento de publicações clandestinas e, também, incidir na própria produção literária que, nesses casos, surge mais marcada por construções estéticas cifradas, que exigem a leitura das entrelinhas, ou pela escolha de certos gêneros literários, como a poesia, que tantas vezes acompanhou os processos revolucionários. No entanto, embora isso de fato ocorra, é preciso frisar que, mesmo em regimes democráticos, expressões paralelas e alternativas às oficializadas e consagradas sempre surgem nas diferentes formas artísticas, uma vez que a própria existência do cânone, em nosso caso, literário, pressupõe a existência de uma literatura à sua revelia.

Partindo, então, dessa compreensão da literatura como um fato social, o presente trabalho examina a trajetória literária da escritora moçambicana Paulina Chiziane, da angolana/portuguesa Djaimilia Pereira de Almeida e da brasileira Conceição Evaristo, a fim de examinar a potência dos papéis sociais dessas escritoras, que explicitam o reconhecimento de um lugar e de uma função da literatura de autoria feminina no universo literário lusófono. A compreensão da especificidade de seus lugares de escrita, das suas ações como criadoras da arte e, como tal, propositoras de uma reflexão crítica a respeito de sua temporalidade, conduz a um questionamento sobre o fazer literário, sobre a

visibilidade, a materialidade e a legibilidade crítica que sedimentam as tradições literárias e estabelecem os limites das leituras assinaladas como canônicas. Assim, neste estudo, busca-se pensar as movimentações provocadas, a nosso ver, por mulheres negras ocupando territórios literários no patrimônio cultural de língua portuguesa, articulando, nos percursos dessas autoras, as diferentes faces da literatura, entendida, aqui, como fato social, estético e material.

Pensando na ideia de formação, sedimentação e movimentação de cânones literários, cabe a reflexão sobre a teoria dos polissistemas de Itamar Even-Zohar que traz novas perspectivas para os estudos literários, ao questionar os pressupostos teóricos e metodológicos herdados especialmente do estruturalismo e predominantes nos ambientes acadêmicos, que prevalecem na concepção e manutenção da ideia de cânone. Even-Zohar concebe a literatura como um sistema dinâmico, que não se limita a uma concepção canônica estruturalista, tal qual foi largamente difundido pela ideia do cânone ocidental, de acordo com os preceitos de Harold Bloom (1995). Segundo o autor, a discussão em torno da ideia de cânone e sua dinâmica é inescapável:

As tensões entre cultura canonizada e não canonizada são universais. Estão presentes em todas as culturas humanas, simplesmente porque não existe uma sociedade humana não estratificada, nem mesmo em Utopia. Não existe uma única língua não estratificada no mundo, ainda que a ideologia dominante que rege as normas do sistema não permita a consideração explícita de nenhum outro estrato além dos canonizados. O mesmo se aplica à estrutura da sociedade e a tudo o que esse fenômeno complexo implica (Even-Zohar, 2017, p. 8)².

Quando refletimos sobre a teoria dos polissistemas, cabe reconhecer o sistema literário como um conjunto heterogêneo e estratificado, portanto, é possível a transferência de elementos de uma posição para outra: uma obra periférica pode ascender ao cânone assim como uma obra canônica pode perder sua centralidade. Nessa dinâmica, observa-se a circulação da produção literária de mulheres negras no âmbito do contexto lusófono canônico, sendo possível examinar a tensão entre as diferentes instituições e suas esferas de poder que atestam a evolução do sistema literário:

² “Las tensiones entre cultura canonizada y no-canonizada son universales. Están presentes en toda cultura humana, simplemente porque no existe una sociedad humana no estratificada, ni siquiera en Utopía. No hay en el mundo una sola lengua no estratificada, incluso aunque la ideología dominante que rija las normas del sistema no admita una consideración explícita de ningún otro estrato más que los canonizados. Lo mismo vale para la estructura de la sociedad y todo lo que este complejo fenómeno implica.” As traduções do espanhol são de nossa autoria.

Em termos específicos, a instituição inclui pelo menos alguns dos produtores, críticos (de qualquer tipo), editoras, periódicos, clubes, grupos de escritores, órgãos governamentais (como gabinetes ministeriais e academias), instituições educacionais (escolas de qualquer nível, incluindo universidades), a mídia de massa em todas as suas formas e muito mais. Naturalmente, essa enorme variedade não produz um corpo homogêneo, capaz – por assim dizer – de atuar harmoniosamente e com sucesso garantido na imposição de suas preferências. Dentro da própria instituição, há lutas pelo domínio, de modo que em cada ocasião um grupo ou outro consegue ocupar o centro da instituição, tornando-se o órgão dirigente. Mas dada a variedade do sistema literário, diferentes instituições podem operar simultaneamente em diferentes seções do sistema (Even-Zohar, 2017, p. 36)³.

No panorama atual das letras lusófonas, parece-nos que há uma ampliação da presença de obras literárias escritas por mulheres negras, principalmente as que privilegiam temáticas atinentes aos grupos minoritários que compõem o contexto de suas experiências e vivências individuais, seja no Brasil, em Angola, em Portugal ou em Moçambique. Essa geração de escritoras parece estar redimensionando a engrenagem do sistema literário canônico, que se movimenta e se expande, seja pela revisão de certas abordagens temáticas, seja pela atuação dos mercados editoriais, que passam a incorporar e valorizar a circulação de novas vozes e novos olhares sobre a diversidade cultural dos espaços lusófonos. Sobre essa movimentação, Even-Zohar (2017, p. 15) reflete que

Os repertórios canonizados de qualquer sistema provavelmente estagnariam ao longo do tempo, não fosse a concorrência de rivais não canonizados, que muitas vezes ameaçam substituí-los. Sob pressão destes, os repertórios canonizados não podem permanecer inalterados. Isso garante a evolução do sistema, que é a única maneira de preservá-lo⁴.

³ “En términos específicos, la institución incluye al menos parte de los productores, ‘críticos’ (de cualquier clase), casas editoras, publicaciones periódicas, clubs, grupos de escritores, cuerpos de gobierno (como oficinas ministeriales y academias), instituciones educativas (escuelas de cualquier nivel, incluyendo las universidades), los medios de comunicación de masas en todas sus facetas, y más. Naturalmente, esta enorme variedad no produce un cuerpo homogéneo, capaz – por así decirlo – de actuar armónicamente y con éxito seguro a la hora de imponer sus preferencias. Dentro de la institución misma hay luchas por el dominio, de modo que en cada ocasión uno u otro grupo logra ocupar el centro de la institución, convirtiéndose en el estamento rector. Pero dada la variedad del sistema literario, diferentes instituciones pueden operar a la vez en diferentes secciones del sistema.”

⁴ “Los repertorios canonizados de un sistema cualquiera se estancarán muy probablemente pasado cierto tiempo, si no fuese por la competencia de rivales no-canonizados, que amenazan a menudo con reemplazarlos. Bajo la presión de éstos, los repertorios canonizados no pueden permanecer inalterados. Esto garantiza la evolución del sistema, que es el único modo de conservarlo.”

Considerando esses pressupostos, o presente estudo se distancia do formato *close-reading*, centrado nas análises dos aspectos temáticos e estéticos da escrita dessas autoras, uma vez que já é sabido que obras como o romance *Niketche: uma história de poligamia* (2001/2004), de Paulina Chiziane, o relato *Esse cabelo* (2015/2017) e o romance *Luanda, Lisboa, Paraíso* (2018), de Djaimilia Pereira de Almeida, e o romance *Ponciá Vicêncio* (2003/2017) e os contos de *Olhos d'água* (2014), de Conceição Evaristo, dialogam com propostas estéticas contemporâneas e têm sido amplamente analisados a partir dos estudos culturais e pós-coloniais, bem como à luz de perspectivas feministas ou memorialistas. A existência de um considerável número de estudos críticos já disseminados em artigos acadêmicos, dissertações e teses, em nível global, aponta a esfera da legibilidade crítica, que redimensiona a visibilidade e a circulação dessas obras. As escritoras, por sua vez, também podem ser compreendidas a partir de um novo papel que eclode fomentado pelas múltiplas instâncias de difusão de suas obras (revistas, editoriais, redes sociais etc.), assim como pelas instâncias de consagração (prêmios, participação em festivais literários nacionais e internacionais etc.). Cabe destacar que partimos de certa perspectiva materialista, pois tanto os escritores e as escritoras, como os mediadores e mediadoras (editoriais, festivais, revistas e outros “agentes de la fuerza del mercado” independentes) apontam para uma nova forma de atribuição de valor simbólico à produção literária e, dessa forma, surge a necessidade de uma crítica contemporânea que se ressignifique e discuta as reformulações nos cânones locais e globais (Cuiñas, 2022).

A partir dos conceitos de “visibilidad, legibilidad y materialidad” (Cuiñas, 2014), é possível compreender como a esfera da visibilidade, ou seja, a camada efetivamente visível do texto literário, sua temática e sua forma, se enlaça às esferas da legibilidade e da materialidade. Logo, certos temas, certas escolhas estéticas podem alcançar maior ou menor nível de inserção nos territórios da leitura, seja ela acadêmica ou não. Da mesma forma, a materialidade dos textos, as publicações e reedições em diferentes editoras ou conglomerados editoriais, de alcance local ou global, incidem na circulação das obras e, portanto, nas possíveis traduções e premiações. Esse ciclo dinâmico repercute nos distintos espaços de leitura, que se redefinem de maneira contínua, articulados pelos novos mediadores de leitura, ampliando os territórios de circulação da literatura. Destaque-se, nesse sentido, o impacto, nos meios acadêmicos e educacionais, da Lei n. 10.639, promulgada em janeiro de 2003, que instituiu a obrigatoriedade do ensino de *História e Cultura Afro-Brasileira e Africana* no currículo da Educação Básica. Esse agente extraliterário abriu espaços importantes para a circulação de textos e autores,

corroborando debates importantes sobre os sentidos das escolhas que sustentam o cânone da literatura em língua portuguesa.

Pensando nas obras de Paulina Chiziane, de Djaimilia Pereira de Almeida e de Conceição Evaristo, publicadas no século XXI, observa-se, na esfera da visibilidade, alguns elementos que aproximam suas experiências literárias. Ao incorporar, em suas narrativas, o protagonismo de personagens femininas negras, as autoras expressam uma renovada percepção da história do Brasil, de Angola ou de Moçambique, agora marcada pela legitimidade de suas vozes autorais, pois são escritoras negras que reivindicam as narrativas sobre suas heranças históricas, sociais e ancestrais. A presença dessas escritoras no cenário literário do século XXI revela um movimento transformador, ainda que lento e gradual, que incita um questionamento sobre as formas de consolidação do cânone, marcado pela supremacia de escritores homens, na maioria das vezes brancos.

A presença dessas autoras na literatura lusófona contemporânea assinala a importância de compartilhar e expandir os distintos lugares dos sujeitos que pensam e escrevem suas vivências e imaginários em espaços coloniais ou marcados pela escravização do povo negro. Tal necessidade de expansão e valorização se evidencia, inclusive, no próprio espaço lusófono, uma vez que, embora existam movimentos importantes que buscam diversificar e multiculturalizar a própria concepção de lusofonia, numa tentativa de descentralização, alargamento e decolonização, como tratamos no início deste trabalho, o espaço lusófono de circulação literária permanece fortemente marcado pela colonialidade e seus imperativos. Nesse sentido, Chiziane, Almeida e Evaristo seriam mais exceções do que exemplos. E, apesar da indiscutível importância de suas publicações, vale perguntar como se dá essa importância em seus lugares de origem, e que relações estabelecem com os cânones literários de suas nações. Do contrário, não poderíamos negar que a movimentação instigada por autoras como elas acontece ainda dentro da lógica de metrópole que marca os países colonizados e, portanto, os lusófonos. Ainda assim, ainda que exceções e não exemplos, é delas que tratamos, ou seja, essas autoras existem, escreveram, foram publicadas e, de algum modo, circularam. Logo, ao observarmos essa produção literária ambivalente, que traz em seu bojo um movimento de produção e circulação marcados por enfrentamentos, constata-se tanto conteúdos e estéticas, como também certo movimento de legitimação por parte das esferas canônicas, que historicamente sempre ignoraram e silenciaram essas vozes – uma vez que legítimas elas sempre foram. A leitura das obras de Paulina Chiziane, de Djaimilia Pereira de Almeida e de Conceição Evaristo pavimenta um caminho para se pensar a trajetória de

sujeitos históricos marcados pela invisibilidade, tanto histórica como literária e, assim, o leitor experimenta, na dramaticidade dos movimentos paradoxais implícitos às estruturas narrativas, a potência que orienta a diversidade do tempo presente. Os romances e contos dessas escritoras evocam, cada qual à sua maneira, as vozes de sujeitos que tiveram sua memória coletiva reiteradamente obliterada em meio aos espaços opressores. Há, portanto, nas construções literárias, a potência de um olhar em si mesmo subversivo.

Refletir sobre os espaços literários de produção e recepção das obras dessas autoras constitui, também, um exercício crítico interessante para a compreensão das dinâmicas atuantes na constituição do cânone literário. As contradições imanentes às relações entre os centros e as periferias da produção literária se transformam em um núcleo vital para pensar os movimentos da crítica literária especializada e a circulação dos produtos literários. Seja nas renovadas formas de recepção acadêmica, seja nos meandros que orientam os mercados editoriais, é possível examinar as renovações da literatura de autoria feminina e, conseqüentemente, a necessidade de repensar os cânones e a historiografia literária.

A trajetória dessas três mulheres está marcada por aproximações significativas, no entanto, suas experiências de vida são diversas e, dessa forma, revelam as dimensões do “vir a ser” da escrita de autoria feminina, demonstrando como suas atuações nas esferas sociais, acadêmicas ou nos debates e lutas políticas anunciam os outros espaços ocupados pelas escritoras no século XXI. Se compreendemos o escritor como um sujeito imbuído de certo papel social, que se define de diferentes maneiras, é possível observar “a atuação dos fatores sociais” presentes em suas obras literárias e no conjunto de suas reflexões críticas sobre seu contexto sócio-histórico. Como afirma Candido (2010, p. 85), “[...] o artista recorre ao arsenal comum da civilização para os temas e formas da obra”, que, sendo uma forma de comunicação expressiva, “[...] pressupõe algo diferente e mais amplo do que as vivências do artista”, logo, a forma e os temas da obra “se moldam sempre ao público, atual ou prefigurado”. Dessa forma, esse papel social delineia-se seja pela exposição de seus posicionamentos políticos e ideológicos, na interpretação do contexto social e cultural do Brasil, de Angola, Portugal ou Moçambique, seja por suas escolhas temáticas e estéticas, manifestas em suas produções literárias, seja por seus diálogos com outros escritores e suas inserções nos contextos de recepção, que legitimam determinados debates históricos, expressos pelas formulações estéticas propostas nas obras.

As autoras aqui estudadas, formando parte de um contexto de produção literária, exercitam seu papel social e, nesse sentido, suas declarações em entrevistas ou

declarações públicas, no que tange a sua produção literária ou a sua compreensão da realidade, merecem destaque, pois oferecem um caminho para pensar os espaços onde a literatura se materializa e surge a relação dinâmica entre o escritor, a obra e o público (Candido, 2010).

Conceição Evaristo, em entrevista à jornalista Márcia Maria da Cruz (2017, n.p.), responde à questão a respeito do termo “escrevivência”:

Começo a usá-lo em 1994, em minha dissertação (*Literatura negra: uma poética da nossa afro-brasilidade*). Desde então, venho pensando numa escrita cujo arcabouço é a vivência particular e coletiva. Nossos passos vêm de longe, de nossas ancestrais, desde o solo africano, na travessia do Atlântico de navio até a chegada na América. São mulheres que não estão incluídas na cultura hegemônica. Em silêncios premeditados ou silêncios obrigados, essas mulheres vão palmilhando nossos caminhos. São mulheres no campo das artes, no campo da religião. Veja a importância das mulheres de axé, aqui no Rio, ou das rainhas de congado aí em Minas. Estamos palmilhando caminho para nossa descendência, que encontrará caminho menos árduo. A ideia de gerações, porém, não segue o tempo linear europeu. É o tempo circular africano, em que o ancestral assiste ao nascimento do novo. O novo vem ao mundo pela força da ancestralidade, um momento muito bonito.

A moçambicana Paulina Chiziane contextualiza, em entrevista concedida a Cintia Acosta Kütter (2017, p. 54), algumas das escolhas temáticas que compõem suas obras, centradas nas experiências de diferentes mulheres de seu país:

Eu nem sabia, quer dizer, eu conhecia as teorias de emancipação da mulher, mas a palavra ‘feminismo’ ainda não me tinha soado aos ouvidos. Eu contei uma história apenas, e a história de uma mulher que é aquilo que eu sei, mais nada. Depois de publicar o livro foi que comecei a compreender a dimensão do feminismo, daí comecei a perceber algumas leituras e fui consolidando algumas ideias sobre o feminismo. Mas foi assim, a vontade de contar uma história de uma mulher, e em todos os meus livros falo de mulheres, e a razão é tão simples, eu estou sempre rodeada das minhas amigas, da minha família, mesmo da minha família, minhas irmãs, minhas primas, então, o mundo que eu conheço melhor é o mundo das mulheres. Foi por isso que as coisas saíram desse jeito.

Djaimilia Pereira de Almeida trata de discutir sua condição de mulher imersa em duas culturas, recorrendo, no trecho aqui citado, sobre sua obra *Esse cabelo*:

Tenho a sorte – e é mesmo uma sorte – de ter uma família muito internacional, feita de portugueses e angolanos que vivem em muitos outros países. Isso ajudou-me muito, tal como ir no verão a Angola até

ao final da adolescência. Não era só passar férias, mas viajar para um país que também é meu, ter primos à minha espera. Não seria quem sou sem essa experiência. O romance *Esse Cabelo* surgiu no momento em que eu, que sempre vivi em Portugal, comecei a questionar-me sobre as minhas origens. Talvez porque estava numa idade em que normalmente se fazem certas perguntas, talvez porque nunca tinha pensado nisso. Fui dominada por uma inquietação muito grande, comecei a interessar-me por coisas sobre as quais nunca tinha pensado, a ouvir música angolana do tempo em que a minha mãe era jovem. Certamente que tudo o que escrevi depois disso vem dessa busca (Duarte, 2020, n.p.).

A partir dessas declarações, as três escritoras explicitam seus papéis sociais, por meio de uma consciência do pertencimento a determinados espaços, como afirma Conceição Evaristo a respeito dos vínculos das mulheres negras e dos silenciamentos de suas histórias ancestrais: “[...] venho pensando numa escrita cujo arcabouço é a vivência particular e coletiva. Nossos passos vêm de longe, de nossas ancestrais, desde o solo africano, na travessia do Atlântico de navio até a chegada na América”. Paulina Chiziane demonstra que sua percepção de mulher está recoberta pelas imagens e vivências das mulheres que a cercam: “[...] em todos os meus livros falo de mulheres, e a razão é tão simples, eu estou sempre rodeada das minhas amigas, da minha família, [...] então, o mundo que eu conheço melhor é o mundo das mulheres”. Djaimilia Pereira de Almeida se posiciona a respeito de seu lugar de mulher em espaços de trânsito cultural, de migração e pertencimento: “[...] não era só passar férias, mas viajar para um país que também é meu [...]. Não seria quem sou sem essa experiência. O romance *Esse Cabelo* surgiu no momento em que eu, que sempre vivi em Portugal, comecei a questionar-me sobre as minhas origens”.

Conceição Evaristo, Paulina Chiziane e Djaimilia Pereira de Almeida pertencem a tempos e espaços dessemelhantes: Evaristo nasce em Minas Gerais, em 1946; Chiziane nasce em 1955, em Moçambique, e Almeida nasce em 1982, em Luanda. A escritora brasileira, de origem humilde, percorre caminhos difíceis, marcados pela miséria, mas consegue inserir-se no universo literário, estreando com a publicação de seus poemas em 1990, no volume 13 da coletânea *Cadernos Negros* – uma publicação literária periódica que teve início em 1978 com o intuito de veicular a cultura e a produção escrita afro-brasileira –, poemas que ganham maior visibilidade a partir da publicação, em 2008, do volume *Poemas de recordação e outros movimentos*⁵. Na esfera dos estudos acadêmicos,

⁵ Na mesma entrevista concedida a Márcia Maria da Cruz, Conceição Evaristo fala da importância dessa primeira publicação e da trajetória até a universidade: “Foi uma antologia, o que marca essa produção coletiva. O primeiro lugar de recepção da minha obra foi o movimento social negro, nos encontros, saraus

Conceição Evaristo obteve seu mestrado em Literatura Brasileira pela PUC-Rio, em 1996, com a dissertação *Literatura Negra: Uma Poética de Nossa Afrobrasilidade* e, depois, o doutorado em Literatura Comparada na UFF, defendendo, em 2011, a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos*, em que analisou a poesia dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edmilson de Almeida Pereira e do angolano Agostinho Neto. Suas obras literárias posteriores, como o romance *Ponciá Vicêncio*, de 2003, publicado pela Editora Mazza, em Belo Horizonte, foi incluído nas listas de leituras obrigatórias de diversos vestibulares. Em 2007, a tradução de *Ponciá Vicêncio* foi publicada nos Estados Unidos pela Host Publications e, em 2015, seu livro *Olhos d'água* recebeu o prêmio Jabuti na categoria “Contos e Crônicas”. No início de 2024, a escritora foi eleita para a Academia Mineira de Letras, sendo a primeira mulher negra a ocupar uma cadeira.

Djaimilia Pereira de Almeida, por sua vez, percorre outra trilha de dificuldades, marcada pelo trânsito identitário entre os universos das culturas angolana e portuguesa. Assim como Evaristo, Almeida também cursa a pós-graduação, mas em Portugal, obtendo seu doutorado em Teoria da Literatura pela Universidade de Lisboa. Já publicou trabalhos em diversas revistas, como a *Granta*, a *Serrote*, a *Zum*, a *Common Knowledge*, entre outras; em 2013, foi uma das vencedoras do Prêmio de Ensaísmo *serrote*, atribuído pela Revista *Serrote*, publicação do Instituto Moreira Salles, no Brasil. Em 2018, recebeu, do Ministério da Cultura de Portugal, uma bolsa de criação literária na área de ficção narrativa e foi finalista do Prêmio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores e do Prêmio PEN Clube Narrativa. Em 2019, pela obra *Luanda, Lisboa, Paraíso*, recebeu o Prêmio Literário Fundação Inês de Castro – 2018, o Prêmio Literário Fundação Eça de Queiroz e o Prêmio Oceanos. Em 2020, por *A Visão das Plantas*, ficou em segundo lugar no Prêmio Oceanos. Pelo mesmo livro, foi novamente finalista do Grande Prêmio de Romance e Novela APE/DGLAB e do Prêmio Pen Clube.

Paulina Chiziane, por sua vez, não chega a concluir os estudos em Linguística na Universidade Eduardo Mondlane, mas cabe a ela um protagonismo na história política e literária de seu país. A escritora moçambicana atua na Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), participando das lutas pela independência do país, além de ter sido voluntária da Cruz Vermelha e do Núcleo das Associações Femininas da Zambézia.

e rodas de poesia. Depois, professores e pesquisadores levaram para a sala [de aula]. A militância levou esse trabalho para outros lugares. É quando começa chegar nos cursos de letras e, sem sombra de dúvida, isso vai se ampliando. Temos os professores Constância Lima Duarte e Eduardo de Assis, da Universidade Federal de Minas Gerais, as professoras Maria Nazareth Soares e Terezinha Taborda, ambas da PUC Minas” (Cruz, 2017).

Ocupa um espaço singular na história da literatura moçambicana, pois foi a primeira mulher a publicar um romance em seu país e a primeira mulher africana a ganhar o Prêmio Camões, em 2021. Sua trajetória literária começa em 1984, quando publicou crônicas nas revistas *Domingo* e *Tempo*; depois, produziu romances consagrados, como *Balada de amor ao vento* (1990), *Ventos do apocalipse* (1993), *O sétimo juramento* (2000) e *O alegre canto da perdiz* (2008). *Niketche: uma história de poligamia* (2002) garantiu-lhe o Prêmio José Craveirinha, entregue pela Associação Moçambicana de Escritores ao melhor romance do ano, e integra a lista de leituras obrigatórias de diversos vestibulares brasileiros, por exemplo, da Unicamp e da UFRGS.

Essas trajetórias das três escritoras que apresentamos brevemente mostram um caminho que se bifurca em duas interpretações: por um lado, as autoras parecem estar inseridas nos mercados editoriais locais e globais, ocupando um cenário no qual se destacam as premiações, as edições e reedições, os estudos acadêmicos e, em menor número, as traduções. São autoras que circulam em diferentes territórios da literatura, participando de feiras literárias nacionais e internacionais, compondo, assim, uma atuação em diferentes espaços contemporâneos que definem as esferas literárias. Por outro lado, ao utilizarmos esses marcadores, isto é, ao considerarmos a presença dessas escritoras nesses espaços e a participação delas nesses processos específicos para validar a ampliação e a circulação de suas vozes, acabamos por reforçar a ideia de que são apenas esses espaços e esses processos que legitimam os caminhos da literatura. Há uma ambivalência intrínseca a esse “ganho de território” ou à essa “abertura às vozes dissidentes” no espaço lusófono de que tratamos neste trabalho, pois, ao mesmo tempo em que é necessário e importante reconhecer e defender que esses lugares e esses processos sejam ocupados por escritoras que foram historicamente deles excluídas, também é necessário e importante reconhecer as profundas raízes da colonialidade que não impedem que movimentos e avanços ocorram, ao contrário, permitem e, por vezes, impulsionam tais movimentações, uma vez que elas também são demandas do mercado pós-colonial, isto é, não rompem com sua lógica e podem ser por ela incorporadas. Daí a importância de se verificar se e como essas movimentações ocorrem nos espaços nacionais das autoras – que fogem aos espaços centrais e centralizadores da circulação literária lusófona, principalmente no que diz respeito aos países africanos de língua portuguesa – daí a dificuldade de se encontrar respostas para essas questões.

De modo geral, o que se pode vislumbrar nessas trajetórias literárias vai ao encontro da proposta reflexiva de Ana Gallego Cuiñas (2022, p. 16), quando ela destaca

a importância das condições materiais para a compreensão do valor dos fenômenos literários:

Se o sentido da obra não reside apenas na sua construção textual, mas nas condições materiais de produção e circulação que delimitam um *sensorium*, é tarefa do crítico literário refletir sobre os modos como essas instâncias geram os valores estéticos e econômicos que constituem o produto literário como fato social e material⁶.

As formas de inserção da literatura na sociedade e as suas relações com distintas esferas de poder se redefinem em diferentes espaços e contextos. Prova disso é o exemplo de Chiziane, que, em 2016, anunciou o fim da carreira de escritora devido às restrições impostas à sua literatura por diferentes instâncias de poder, das autoridades políticas às religiosas – como apontamos no início deste trabalho, a partir das reflexões de Sapiro (2016). A autora moçambicana declarou que em países de independência recente, a literatura não é um espaço de liberdade (Cruz, 2022). Mas essas relações também se redefinem ao longo dos anos; e o que antes poderia ser determinado pelas relações religiosas ou de mecenato dá lugar, mais recentemente, aos meandros que regem o mercado editorial e a ação dos agentes que propiciam a circulação das obras em distintos mercados globais. A atual transformação das práticas editoriais (Sapiro, 2016), no âmbito da edição comercial, está vinculada a alguns fatores, como a proliferação de cadeia de livrarias, o lugar destacado dos agentes literários e a internacionalização dos conglomerados editoriais. Nesse sentido, conforme apontamos no início do texto, as estruturas tecnológicas e comunicacionais em constante expansão da contemporaneidade acrescentam outro aspecto a essa complexa discussão, uma vez que novas formas de publicação, circulação e recepção vão surgindo e ganhando espaço, fomentando diferentes acordos de produção e comercialização, ainda que a passos lentos.

Retomando a reflexão de Even-Zohar (2017, p. 15), cabe destacar suas considerações acerca da inserção dos escritores nos diferentes territórios literários, mediados pela ideia de mercado:

Seja em um salão literário, em uma corte real ou na praça aberta de um mercado medieval onde os produtores realmente tentam vender seus produtos, ou por meio de agentes como críticos literários, editores,

⁶ “Si el sentido de la obra no reside solo en su construcción textual sino en las condiciones materiales de producción y circulación que delimitan un *sensorium*, es tarea del crítico literario la reflexión sobre los modos en que estas instancias generan los valores estéticos y económicos que conforman el producto literario como hecho social y material.”

professores ou outros promotores, na ausência de um mercado não há espaço sociocultural no qual qualquer aspecto das atividades literárias possa se consolidar. Além disso, um mercado restrito naturalmente restringe as possibilidades da literatura se desenvolver como uma atividade sociocultural. Portanto, fazer com que o mercado floresça é do próprio interesse do sistema literário⁷.

Ao acompanhar a trajetória dessas escritoras e de suas produções literárias, vislumbra-se tanto um contexto sócio-histórico como literário, que passam a descortinar e a destacar a presença de escritoras negras, rompendo silenciamentos históricos mantidos pelo racismo estrutural que perpassa a história e a literatura dos países colonizados, evidenciados, aqui, pelo Brasil, por Angola e Moçambique. A produção e a circulação da obra dessas escritoras transgridem reiterados silenciamentos manifestos em contextos literários locais e globais e, seja por meio da análise de suas obras ou da compreensão dos meandros de sua recepção crítica e da observação das inserções em diferentes mercados editoriais, é possível refletir sobre os caminhos da literatura lusófona contemporânea, que têm ampliado as construções narrativas legitimadoras das múltiplas identidades presentes nos países que vivenciaram processos de escravidão e colonização.

Compreender a literatura como fato social implica observar as relações que se dão em torno do objeto literário, antes mesmo de sua criação e até depois de sua publicação. Se, por um lado, a análise do conteúdo e da forma daquilo que é narrado, isto é, dos aspectos temáticos e estéticos da obra, revela múltiplas possibilidades de interpretação e construção de sentido, desde as percepções subjetivas até as relações sócio-históricas inescapavelmente atreladas a todo e qualquer exercício de linguagem; por outro, examinar as condições de produção do artista e da arte, os movimentos de divulgação, circulação e recepção, bem como os impactos de tais nuances no acolhimento da crítica mais ou menos especializada pode expor as potências e as fragilidades dos inúmeros fatores que compõem o sistema literário na contemporaneidade e, possivelmente, contribuir para que a literatura seja, de fato, um espaço de liberdade. Em se tratando de escritoras mulheres negras de países colonizados de língua portuguesa, recorte deste estudo, tal observação demonstra que, embora não pertençam especificamente à mesma geração e guardem diferenças de formação acadêmica e atuação política, Evaristo, Chiziane e Almeida são

⁷ “Sea en un salón literario, en una corte real o en la plaza abierta de un mercado medieval donde los productores traten de hecho de vender sus productos, o sea por medio de agentes tales como críticos literarios, editores, profesores u otros promotores, en ausencia de un mercado no hay espacio socio-cultural alguno en que ningún aspecto de las actividades literarias pueda afianzarse. Además, un mercado restringido restringe naturalmente las posibilidades de la literatura de desarrollarse como actividad socio-cultural. De este modo, hacer que el mercado florezca está en el interés mismo del sistema literario.”

força e fruto de um mesmo movimento que tem cavado um lugar para o registro, a publicação, a circulação e a premiação – isto é, para a visibilidade, legitimidade e materialidade – dessas vozes historicamente silenciadas, descartadas e ignoradas. Nas palavras da escritora brasileira:

Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação (Evaristo, 2020, p. 53).

Evaristo, Chiziane e Almeida caminham com suas literaturas por espaços onde, muitas vezes, são as primeiras mulheres negras a adentrar. Espaços que, historicamente, ditaram e ainda ditam o que é e o que não é literatura, como deveria e como não deveria ser a trajetória de um escritor etc. E há nisso um movimento, uma mudança, um reconhecimento. Procuramos, neste trabalho, mostrar que, ao olhar para as vivências e experiências dessas escritoras lusófonas, para além de suas literaturas, pode-se vislumbrar as movimentações sentidas na esfera literária, uma vez que esta não se constitui isolada das dinâmicas econômicas, materiais e sociais. Ao mesmo tempo, buscamos problematizar a própria ideia de legitimação, questionando se validar literaturas “periféricas”, à medida que elas ocupam tais espaços canônicos, não significa dar ainda mais poder a esses espaços, marcados pela colonialidade e pelo racismo estrutural e sustentados por demandas de mercado igualmente excludentes ou superficialmente inclusivas – o que nos levou a refletir sobre a concepção de lusofonia como espaço do plural e do múltiplo, uma vez que dinâmicas centralizadoras parecem se manter. Nesse sentido, precisamos dar vivas à insubordinação de Evaristo, Chiziane e Almeida, ao mesmo tempo em que nos insubordinamos frente às esferas legitimadoras, pensando caminhos e possibilidades que rompam com, e não apenas estiquem, as raízes da colonialidade. Ouvir o que essas autoras têm a dizer parece um bom começo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, D. P. de. **Luanda, Lisboa, Paraíso**. São Paulo: Cia das Letras, 2019.
- ALMEIDA, D. P. de. **Esse cabelo**. São Paulo: Todavia, 2022.

BLOOM, H. **O cânone ocidental**: os livros e a escola do tempo. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

BRITO, R. P. de. Entre vivências e estudos: por uma lusofonia possível. *In*: FERREIRA, A. M. *et al.* **Pelos mares da língua portuguesa 3**. Aveiro, Universidade de Aveiro, 2017. p. 1043-1051. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/319551169_Entre_vivencias_e_estudos_por_uma_lusofonia_posivel. Acesso em: 24 fev. 2025.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 140, n. 8, p. 1, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 24 fev. 2025.

CANDIDO, A. O escritor e o público. *In*: CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CHIZIANE, P. **Niketché**: uma história de poligamia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CRUZ, E. A. A escrita andorinha de Paulina Chiziane. **Quatro cinco um**, n. 53, 1 jan. 2022. Disponível em: <https://quatrocincoum.com.br/artigos/literatura/a-escrita-andorinha-de-paulina-chiziane/>. Acesso em: 24 fev. 2025.

CRUZ, M. M. da. Entrevista com Conceição Evaristo, vencedora do Prêmio Governo de MG. **Portal Geledés**, 1 dez. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/entrevista-com-conceicao-evaristo-vencedora-do-premio-governo-de-mg/>. Acesso em: 24 fev. 2025.

CUIÑAS, A. G. (ed.). **Entre la Argentina y España**. El espacio transatlántico de la narrativa actual. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert, 2012.

CUIÑAS, A. G. El valor del objeto literario. **Ínsula** – Revista de Letras y Ciencias Humanas, n. 814, ano LXIX, p. 2-5, out. 2014. Disponível em: https://www.insula.es/sites/default/files/articulos_muestra/anagallego.pdf. Acesso em: 24 fev. 2025.

CUIÑAS, A. G. **Cultura literaria y políticas de mercado**: editoriales, ferias y festivales. Berlin/Boston: de Gruyter, 2022.

DUARTE, L. R. Djaimilia Pereira de Almeida: Literatura, liberdade e alegria. **Visão/Jornal de Letras**, 20 jan. 2020. Disponível em: <https://visao.pt/jornaldeletras/letras/2020-01-02-djaimilia-pereira-de-almeida-literatura-liberdade-e-alegria-2/>. Acesso em: 24 fev. 2025.

EVARISTO, C. **Olhos d’água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2015.

EVARISTO, C. **Ponciá Vicêncio**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, C. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. *In*: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. **Escrevivência**: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Ilustrações: Lopes, G. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 53-54.

EVEN-ZOHAR, I. La teoría de los polisistemas. *In*: EVEN-ZOHAR, I. **Polisistemas de cultura**. Tel Aviv: Universidad de Tel Aviv, 2017.

KÜTTER, C. A. Entrevista com a escritora Paulina Chiziane. **Diadorim**: Revista de Estudos Linguísticos e Literários, Rio de Janeiro, n. 19, v. 1, p. 53-62, jan.-jun. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/13072>. Acesso em: 24 fev. 2025.

MARTINS, M. L. A lusofonia como promessa e o seu equívoco lusocêntrico. *In*: MARTINS, M. L.; SOUSA, H.; CABECINHAS, R. **Comunicação e Lusofonia**: Para uma abordagem crítica da cultura e dos *media*. Porto: Campo de Letras, 2006, p. 79-87.

SAPIRO, G. **La sociología de la literatura**. Buenos Aires: FCE, 2016.

TREVISAN, A. L. O insólito e a historicidade na literatura hispano-americana: confluências. *In*: BRITO, R. P. de; TREVISAN, A. L.; DUARTE, M. N. (org.). **Estudos textuais e discursivos em múltiplas perspectivas**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2019.

Data de submissão: 06/10/2024

Data de aprovação: 06/02/2025